

FHC critica quem não quer mudança

JORNAL DE BRASÍLIA

* 8 ABR 1997

São Paulo - Numa demonstração de que está preocupado com as críticas dos intelectuais da oposição à política do Governo para a área social, o Presidente da República aproveitou a visita de três dias a São Paulo para vestir a pele do sociólogo Fernando Henrique Cardoso. Diante de uma platéia formada por antigos companheiros na década de 70, todos da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal), em duas solenidades consecutivas, no sábado à noite e ontem de manhã, Fernando Henrique fez um verdadeiro enunciado sobre o chamado processo de globalização econômica e suas relações com o quadro social dos países subdesenvolvidos.

Ao todo foi 1h45 de discursos de improviso recheados de críticas à oposição, sem poupar os sindicatos e às entidades que pressionam o Governo para acelerar a reforma agrária. Fernando Henrique citou os filósofos Hegel, Marx e Montesquieu e até o escritor inglês Charles Dickens, citou conceitos filosóficos em língua alemã e chegou a se desculpar pelo que poderia parecer, em sua opinião, um esnobismo por comparar os efeitos da globalização da informação sobre os cidadãos com o conceito hegeliano de universal concreto.

“Não adianta ficar de braços cruzados resistindo às mudanças. É preciso

ficar com os braços estendidos apontando para o futuro”, disse Fernando Henrique, numa referência ao comportamento da oposição. Segundo o Presidente, no Brasil o sindicalismo, o empresariado e a própria elite do funcionalismo público não estão preparados para responder aos desafios da globalização da economia, preferindo defender a manutenção do “status quo”, numa referência às resistências contra a flexibilização e modernização das relações de trabalho, a reforma administrativa e à abertura da economia.

Fernando Henrique disse que os próprios empresários brasileiros ainda não perceberam a necessidade de investir mais na educação dos trabalhadores, de forma que eles possam se adaptar a novas oportunidades de trabalho. “A lógica da globalização econômica é a exclusão. Quanto mais se avança, menos se inclui pessoas no mercado de trabalho. Atualmente há uma parcela da população que é inimpregável, porque não têm qualificação e também porque o capital não têm sequer interesse em empregar essas pessoas. Isso repõe a questão do Estado, das políticas públicas necessárias para dar a esses inimpregáveis do capitalismo globalizado uma alternativa de ocupação e renda. Não se trata de triunfo do neoliberalismo, mas a reemergência da necessidade da ação do Estado”, disse o Presidente.